

O CAPTADOR DE RECURSOS: um novo personagem na constituição de uma sociedade emancipatória

Os movimentos constantes e agitados da sociedade contemporânea na busca de melhores resultados e maior eficiência não têm oferecido *sentido* para a vida de muitas pessoas. Há um apelo social pela democracia, pela cidadania, por melhor qualidade de vida. Talvez seja pela escuta cada vez mais forte desse apelo, que tenha me mobilizado para a pesquisa que resultou na minha dissertação de mestrado.

O fato de notar certa *simpatia* de algumas pessoas por *causas* sociais motivou-me, inicialmente, a estudar relações entre indivíduo e sociedade, de um modo geral. Essa *simpatia* apareceu mais claramente no trabalho que vinha (e venho ainda) desempenhando no Terceiro Setor, especificamente na área de mobilização de recursos em várias frentes.

Trabalho no Terceiro Setor há mais de 7 anos, desenvolvendo projetos para instituições sem fins lucrativos e tenho tido a oportunidade de promover um pouco da esperança de uma sociedade mais justa, em outros projetos de que venho participando como instrutora de cursos de formação de novos captadores de recursos.

Se existe uma *simpatia* em colaborar com projetos sociais que visem à transformação do atual quadro social por parte da comunidade, se o Terceiro Setor já está se profissionalizando, podendo, assim, começar a gerar resultados sobre investimentos sociais, o que ainda dificultaria a concretização de uma mudança social efetiva?

Uma pergunta constante no discurso daqueles que se interessam pela questão é: “Por que nós, enquanto sociedade civil, devemos assumir a responsabilidade por investimentos sociais? Não seria papel do Estado?”

Poderíamos dizer que sim. Entretanto, se nos mantivermos paralisados, acreditando que existe um *outro* responsável por tudo, não poderemos desenvolver senso de responsabilidade social e capacidade de participar ativamente da sociedade. No Brasil, a pouca participação social é marcante, uma vez que se trata de uma sociedade de tradição patriarcal e autoritária, uma nação desobrigada e, mais que tudo, impedida de participar diretamente.

Quando comecei a aprofundar meus conhecimentos teóricos a respeito das relações sociedade/indivíduo, pude perceber o quanto o captador, no exercício de sua atividade profissional, poderia viabilizar o envolvimento, a conscientização e a participação social das pessoas envolvidas no processo de captação. Assim, no decorrer dos estudos para o desenvolvimento de minha pesquisa, foi se delineando a idéia de que o referencial teórico da Psicologia Social seria muito adequado para o conhecimento do significado dessa nova profissão – o captador de recursos –, bem como das expectativas com relação ao seu papel. Para tanto, estudei, entre outras coisas, o processo de constituição da identidade desse personagem no Brasil. Como faço parte do grupo de profissionais que lidam com captação de recursos, pensei poder localizar com mais facilidade, lutas, dificuldades, desafios e motivações do captador. Neste artigo, descrevo um pouco do trabalho que desenvolvi durante meu mestrado na Psicologia Social da PUC-SP, orientado pelo Prof. Antonio da Costa Ciampa.

Formulei e analisei questionários respondidos por captadores de recursos; entrevistei pessoas que se relacionavam com eles observando-os de fora, assim como realizei entrevistas abertas (histórias de vida) com alguns captadores. Busquei apreender, nas análises do questionário e das entrevistas, fatos que apontassem quem seriam essas pessoas, quais suas trajetórias de vida, suas buscas, motivações, medos, etc.

O trabalho teve como proposta compreender quais razões levaram ao nascimento e ao crescente desenvolvimento deste setor, o que possibilitaria compreender a profissionalização da captação de recursos.

Diversos modelos de organizações não governamentais assim como organizações da sociedade civil têm como *produto final* de suas atividades a melhoria da qualidade de vida, o resgate da cidadania e a renovação do espaço público ... Essas organizações compõem o hoje chamado terceiro setor e contam com parcerias que viabilizam sua sustentabilidade. Para tanto, demandam um *captador de recursos profissionalizado*.

Por meio das respostas ao questionário, foi possível uma visão panorâmica da situação a partir dos próprios captadores brasileiros no atual contexto social, bem como um aprofundamento da discussão em torno da construção da identidade desses profissionais em seus processos de metamorfose.

Os captadores de recursos aparecem como indivíduos que se deslocaram, na maioria dos casos, de suas antigas áreas de atuação; de um modo geral, são “ex alguma coisa”. Foi constatada a grande dificuldade em se

falar de *perfil* do captador de recursos no Brasil, uma vez que a grande maioria trabalha apenas há um ou dois anos, tendo somente uma experiência prática. Muitos outros, que atuam há mais tempo, nem sequer se viam ou se vêem como tal.

O mercado tende a ver o captador como aquele profissional que sabe trabalhar com diferentes recursos e com flexibilidade para se valer deles. Mostra também que alguns captadores expressam a pretensão de ser um novo sujeito político de transformação social, enquanto outros apenas pretendem exercer uma atividade rentável e agradável, sem maiores preocupações com o sentido ético da atividade de captar para o Terceiro Setor.

Por meio de entrevistas diretas, foram também coletados dados de alguns captadores de recursos bastante atuantes e de observadores-informantes – pessoas que têm amplo conhecimento da captação estando muito envolvidos com ela – o que permitiu um olhar externo aos captadores.

A análise dos dados coletados indica um profissional crítico, *militante*, com pretensão de ser um novo sujeito político de transformação social. O que aparece com destaque no discurso dos captadores entrevistados é a possibilidade de emancipação social contida justamente na postura *militante* dos profissionais. É interessante verificar que essa categoria profissional emergente tenha surgido tão comprometida politicamente.

Para a realização de minha pesquisa, foram fundamentais os textos de alguns filósofos, sociólogos, psicólogos sociais. Entre eles, Jürgen Habermas, que pareceu-me muito realista; um reformador social importante: pode trazer ricas contribuições para o atual momento político brasileiro e para as possibilidades de atuação dos captadores de recursos. Segundo ele, a sociedade não funciona

automaticamente com boas normas. As pessoas têm que saber que podem interferir no processo de regulação social. Numa cultura democrática, pró-ativa, as pessoas passam a exercer sua cidadania. A sociedade civil é o cenário para essas interações. Uma sociedade civil conscientizada de seus direitos de cidadania pode se transformar democraticamente, articulando a regulação social com a emancipação social.

É fundamental ter presente que a captação de recursos para o Terceiro Setor é uma atividade cuja finalidade é viabilizar projetos que visem o “bem estar social”, assim como protegê-lo (e a sua lógica) de ser colonizado por lógicas que atendam outros interesses.”

O mais importante que se buscou encontrar nesta pesquisa foi verificar as possibilidades de um sentido emancipatório na atuação profissional do captador de recursos. Ou seja: verificar se esse sentido vai prevalecer uma vez que é uma questão a ser decidida politicamente, dentro de uma orientação ética que supõe sujeitos autodeterminados.

Este é o desafio que o captador de recursos tem pela frente. Sua identidade profissional pode se definir como um projeto ético que tome posição frente às alternativas da barbárie ou da emancipação. Cidadania e responsabilidade social podem ser ensinadas, promovidas.

Se não cheguei a grandes conclusões a respeito do perfil do captador de recursos, pude perceber a urgência de novos trabalhos, novas pesquisas sobre o tema.

Renata Brunetti - Mestre em Psicologia Social na PUC - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, setembro 2003 - *Certificate in Fund Raising Management from The Fund Raising School at The Center on Philanthropy at Indiana University, march 2003.*

Coordena o curso de Captação de Recursos da FOS – Federação das Obras Sociais desde 2001.

Artigo 1 - Versão corrigida por Malu e Renata 05/02 em aula

Artigo 2 – Versão Renata 06/02 em casa

Colabora com a coordenação e ministra algumas aulas do curso de Captação de Recursos – The Fund Raising School at the Center on Philanthropy at Indiana University e do CEDES (Centro de Estudios de Estado e Sociedad) - Buenos Aires – na FGV-EAESP.

É consultora voluntária na área de captação de recursos em diferentes instituições como: *Carpe Diem*, instituição que trabalha com a inserção de jovens e adultos com deficiências mental; *Campos Avanzados* que trabalha com atendimento à saúde em comunidades carentes em áreas rurais e *PPP –Projeto próximo passo* que trabalha com portadores de deficiência física.

e-mail – rebrunetti@uol.com.br